

ODE À INCOMPREENSÃO

Luís Filipe Castro Mendes*

Não vou interpretar o poema. Vou falar do que neste poema veio ressoar em mim como marca do encontro do “eu” com o mundo.

A poesia quer deixar ao mundo um eco do que nós fomos, um tom da nossa voz, um palpitar do nosso sangue, uma breve respiração. É da nossa condição rebelarmo-nos contra a morte “que é de todos e virá”, como noutra lugar diz o poeta. Mas a criação poética não pode alcançar a totalidade do que “pensei,sonhei, sofri”, ela vem naufragar nos recifes do mundo como uma nave perdida. E é dessa dor de não poder dizer da vida mais do que a sua ausência, mais do que os vazios que se abrem entre as coisas para nos deixar entrever algo que está aquém ou além da nossa experiência, é dessa dor que se faz a poesia, mesmo se ela é capaz de, como dizia Hoelderlin, *caminhar radiosa sobre a nossa miséria*.

E há por outro lado experiências que nos elevam “desta miséria de ser por intervalos” para “a imensa altura para que me arrebatas”. O amor aparece então como mediação com o universal: “tão longe, meu amor, tão longe”... Se a poesia lírica, como defendia Adorno, nasce do choque do “eu” com o constrangimento das relações sociais e por isso é ao centrar-se na subjetividade que mais se projeta para o universal, então é o amor que conduz o poeta, como Beatriz conduzia Dante, à “imensa altura” aonde os erros não mais podem regressar como verdade que nos envenena.

O amor tem com a poesia uma impregnação que vem das origens. Não será porque o poeta lírico é o primeiro a entender que o “eu” só existe se tiver na sua frente um “tu”, como nos ensina Levinas, que toda a subjetividade se constrói no enfrentamento com o outro? E que por isso a palavra do poeta, o seu duro atrito com o real, não pode existir sem um “tu”

essencial? Para citar António Machado: *No es el yo fundamental // eso que busca el poeta, // sino el tú esencial.* (de Proverbios y cantares)

Mas se a experiência do amor é a pedra de toque da construção do sujeito, ela abre também para esse imenso longe de onde se não regressa. Ascender da “miséria de ser por intervalos” à totalidade do universal vem abrir sob as nossas palavras um vazio impensável. Será esse também o vazio da distância sem regresso que vai “de mim a ti, de ti a mim”, esse hiato que se abre no fim do poema como um buraco negro a eclodir no firmamento quando, como Dante e Beatriz, enfim saímos para rever as estrelas.

Talvez desse conflito entre o eu do poeta e o esplendor e a miséria do mundo, talvez da necessidade de um tu essencial que nos constitua como sujeitos e ao mesmo tempo nos force a enfrentar o vazio donde se erguem e aonde voltam irreversivelmente as nossas palavras, talvez disso tudo fale aqui o poeta. Pelo menos foi por aqui que este poema teve eco em mim, na minha leitura e no meu pensamento da poesia, na minha escrita e na minha vida.

* Poeta e diplomata, exerceu funções em vários países, dentre as quais Cônsul-Geral no Rio de Janeiro (1998-2003); Embaixador em Budapeste (2003-2007) e em Nova Deli (2007-2009), junto da UNESCO (2011-2012) e do Conselho da Europa (2012-2016). Foi Ministro da Cultura de Portugal (2016-2018). Sua obra compreende 14 livros publicados a partir de 1983 de que alguns foram coligidos em *Poemas Reunidos* (Assírio e Alvim, 2018). Coletânea anterior foi publicada no Brasil: *Poesia Reunida* (Topbooks, 2001).